

# ADICÇÕES: O MAL-ESTAR EM DISCURSO

2018

**Raianne Ferreira Lima**

Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário Leão Sampaio. Especializanda em Teoria Psicanalítica (UNILEÃO). CE - Brasil

Email:

[raiannelima@gmail.com](mailto:raiannelima@gmail.com)

---

## RESUMO

Analisa-se aqui as adições sob a hipótese de que elas são uma modalidade do mal-estar na contemporaneidade, considerando adição a situação de dependência do sujeito com um objeto, onde o primeiro torna-se escravo desejante do último. Dentre estas estratégias de viver em laço social disponibilizadas pela sociedade contemporânea existe o afastamento da realidade do próprio corpo, o alívio imediato diante do mal-estar. A compulsão pelas drogas pode resultar em adição, de forma que a satisfação procurada é apenas suposta, pois esse gozo é buscado no corpo mas nunca alcançado, assim torna o sujeito alheio ao seu desejo. Lacan presumiu na sua obra que quatro são os impossíveis na civilização: governar, educar, psicanalisar e fazer desejar, dando a estes a conotação de discursos. Entretanto, Souza propõe a existência de dois discursos enquanto exceções, a saber o Discurso do Capitalista e o Discurso do a-viciado. O Discurso do Capitalista surgiria como dominante na sociedade atual. O Discurso do a-viciado é pensado por Souza como uma proposta para abarcar algumas das condições que abalam o sujeito. Tal discurso não se trata de uma forma de contemplar o uso de alguma droga, nem de abarcar as compulsões que podem funcionar de forma a proteger o desejo. Ainda que um limiar de gozo seja definido, pode ser percebida uma condição de devastação, o desejo é desconsiderado e o objeto pode fazer com que o sujeito goze além do que consegue controlar.

**Palavras-chave:** Adições, discurso, mal-estar, contemporaneidade.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>





## 1. INTRODUÇÃO

A globalização, associada à evolução científica e tecnológica, foi um dos acontecimentos responsáveis pelas mudanças culturais e sociais que perduram até hoje. Mendes e Paravidini (2007) postulam que cada tempo carrega uma influência sobre como um sintoma e um gozo se manifestam, associado à cultura e à história pessoal de cada sujeito. Pode ser dito então que a sociedade em sua cultura contemporânea oferta ao sujeito diversas formas de gozar, pautadas em sua maioria pelo consumismo.

Neste conjunto de formas disponíveis, é oferecido o acesso aos narcóticos e consequentemente o afastamento da realidade do próprio corpo de formar a aliviar o mal-estar. Esta ação pode resultar em compulsão, que por sua vez pode tornar-se adicção, desta forma a satisfação buscada é apenas suposta, o gozo é buscado no corpo, mas nunca alcançado, tornado o sujeito alheio ao seu desejo. As adicções aparecem na contemporaneidade enquanto forma de lidar com o mal-estar, esta é mais prejudicial do que a sublimação, por exemplo.

Assim, este trabalho objetiva analisar as adicções sob a hipótese de que elas são uma modalidade do mal-estar contemporâneo, entendendo como adicção a situação de dependência do sujeito com um objeto, onde o primeiro torna-se escravo desejante do último. Pretende-se também entender as novas manifestações do mal-estar, além de inserir o entendimento da relação sujeito/objeto droga nos discursos lacanianos. Constitui-se então de um estudo de revisão bibliográfica, fundamentado pela psicanálise, partindo do texto clássico de Freud (1930/2010) *O Mal-estar na Civilização* e depois passa-se a uma leitura lacanianiana.

## 2. O SUJEITO DO MAL-ESTAR

De acordo com a conceituação psicanalítica, para falar sobre mal-estar, primeiro deve abordar-se conceitos essenciais como o de sujeito e falta. A falta é aquilo que causa o desejo e faz com que o sujeito busque algo que lhe faça completo. Em contradição ao que prega a cultura quanto ao preenchimento da falta, a psicanálise a classifica como fator estruturante da subjetividade, além de proporcionar também a oportunidade de que o sujeito construa “um saber sobre si e sobre o outro” (PISETTA, 2009, p. 106).



Ao se falar em sujeito aborda-se na verdade o sujeito do inconsciente, que constitui-se pela linguagem e pela fala, pelo encontro com o Outro. O sujeito existe na cultura, não provém dela, visto que a última também deve ser concebida de alguma forma frente às circunstâncias que lhe tornam compreensível. Uma vez que o sujeito é barrado entre o que é consciente e o que é inconsciente, ele recalca o objeto que deseja e estabelece-se no mundo social (ELIA, 2007). Cada sujeito carrega um mal-estar inerente ao seu arranjo, este não se caracteriza de adoecimento pois é estrutural e individual, próprio dos processos de organização do psiquismo do homem. Trata-se de uma angústia subjetiva, ligada geralmente a um sentimento vago e de difícil descrição.

Com seu trabalho *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1930/2010) inaugura uma descrição dos afetos relacionados ao mal-estar advindos do sujeito na civilização moderna. Para tanto, ele introduz o conceito de sentimento oceânico cujo objetivo seria, grosso modo, alcançar a felicidade plena, a sensação de harmonia com o mundo exterior. Ainda neste pensamento, o autor define que o mal-estar conta com as ameaças do sofrimento de três âmbitos: do próprio corpo (condenado ao fracasso), do mundo externo (que se desmorona sobre o sujeito com ímpetos de destruição) e das relações interpessoais. Na contemporaneidade, percebe-se a predominância do corpo. O mal-estar é oriundo da inserção do sujeito no laço social, pois não é possível enquadrar-se em uma civilização sem abrir mão do gozo, do excesso pulsional (GARCIA; COUTINHO, 2004).

Dentre as estratégias utilizadas na procura pelo prazer e fuga do desprazer, os narcóticos ocupam um lugar de grande destaque, visto que produzem, ao mesmo tempo, uma satisfação imediata e um afastamento do mundo externo. Esta seria uma das formas que o sujeito encontra para lidar com o mal-estar, fundamentada desde a época de Freud, mas que perdura até a contemporaneidade. O que é visto na contemporaneidade trata da capacidade atribuída ao sujeito de se retirar da coerção da realidade ao mesmo tempo em que encontra abrigo numa realidade diferente, tornando essa uma forma defensiva e interessante para o mesmo, além de inserir-se na lógica do consumo (BRECHA; LOPEZ; POSTIGO, 2012).

A cultura atual assinala efemeridade e ilusão de liberdade plena. Pode-se aferir que a tecnociência apresenta uma verdade pronta para o consumo como resposta ao mal-estar, o sujeito recebe como oferta do capitalismo a possibilidade de gozo sem tréguas, descontrolado e desorientado, sendo gozo a satisfação alcançada pelo sujeito de forma inconsciente, de forma que o mesmo não consegue se reconhecer. Fuentes e Antelo o definem como “acéfalo, uma montagem sem sujeito, onde Isso goza apesar dos processos civilizatórios do Eu” (FUENTES; ANTELO, 2017, p. 277). Neste gozo sem limites e desarticulado do simbólico, o sujeito torna-se encarcerado e o desejo mostra-se narcotizado, o que resulta na morte do chamado sujeito desejante.

Assim como em Freud, para Birman (2012) são três os registros de onde vem o mal-estar na contemporaneidade, porém dois deles mudam: se antes vinha do corpo, do mundo e da relação com o outro, agora ele vem do corpo, da ação e da intensidade. No corpo, a problemática segue semelhante: apesar de tornar-se o bem maior do sujeito contemporâneo, o corpo é o palco da falta, nunca obtém o sucesso objetivado. Aí podem haver manifestações de estresse, fadiga e pânico, fazendo emergir o sucesso da psicofarmacologia. A ação, que também pode estar relacionada ao corpo, sinaliza um excesso, que se caracteriza muitas vezes por explosividade, hiperatividade e violência. Se enquadram também nesse aspecto as compulsões das mais variadas. Por último, existe o âmbito das intensidades, onde se lida com afetos, humores e amores do sujeito. Este é sinalizado pela negatividade, resultando em sentimentos de vazio, baixa autoestima e até mesmo depressões.

O que também se pode ver atualmente como resposta ao mal-estar são adoecimentos, a saber: depressões, bulimia, anorexia, síndrome do pânico e drogadições. Essas modalidades permanecem porque são propiciadas e manejadas pelas condições que existem para viver, indicadas pela sociedade contemporânea. Outras características da sociedade atual referem-se às modificações dos valores, principalmente o individualismo (valorização da autonomia pessoal), hedonismo (determinação do prazer como bem supremo) e consumismo (crescente tendência ao consumo de forma excessiva). O progresso da tecnologia, a intensificação do consumo e a mercantilização das drogas fazem com que as relações entre sujeito e objeto se modifiquem, fazendo surgir uma objetificação do sujeito, onde existe uma infinidade de objetos que podem ser escolhidos para seu investimento e satisfação sexual, emergindo como consequência de um mercado do gozo (TAVARES, 2010).

Mercado do gozo é uma expressão legitimada por Lacan (2008) por meio de aproximações entre sua teoria e a teoria de Marx. A teoria Marxista parte do mercado, inovando quanto ao lugar ocupado pelo trabalho, o último aparece enquanto objeto de compra e venda, onde seria participante do mercado, chamado pelo autor de Mais-valia; neste âmbito, o capitalista lucra com os baixos salários dos trabalhadores. Quanto à sua própria teoria, Lacan diz que renunciar ao gozo não é novidade, tal qual o trabalho não constitui-se de feito inédito na produção mercadológica, e refere-se a esta como uma função: o mais-de-gozar. Este caracteriza-se como resultante da linguagem do sujeito. Aproximando mais-valia e mais-de-gozar, pode ser dito que a gama de objetos ofertados pelo capitalismo constituem a tentativa incessante de recuperar o objeto perdido primordialmente. De maneira explicativa, lê-se que:

O mais de gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto *a*. Desde o momento em que o mercado define como mercadoria um objeto qualquer do trabalho humano, esse objeto carrega em si

algo da mais-valia. Assim, o mais-de-gozar é aquilo que permite isolar a função do objeto *a* (LACAN, 2008, p. 19).

O consumismo confirma a lógica de produção e evolução das mercadorias ofertadas, o foco do indivíduo em um determinado objeto de desejo é efêmero, pois deve ser substituído e realocado de acordo com a curta duração destes bens. Se no advento do capitalismo, o sucesso de cada um se pauta em quanto dinheiro ou bens materiais o sujeito consegue arrecadar, ou seja, ter para ser, nos dias atuais este acúmulo só serviria se fosse representado no cenário social, ou seja, ter para parecer, de forma que a realidade não mais seria individual, mas sim coletiva numa espécie de competição. Pode-se dizer que a população deixa-se guiar pelo ideal fornecido pelo capitalismo do que é felicidade, indo contra o mal-estar (TAVARES, 2010).

### **3. ADICÇÕES E DISCURSOS**

Segundo Birman (2012), existe um deslocamento no foco do mal-estar: o que antes se manifestava como conflito psíquico, agora se apresenta enquanto registro corpóreo, dor física, intervenções físicas. A adicção é caracterizada pela dependência (física e psíquica) e pela repetição, visto que o objetivo daquela ação não é alcançado, mas sim suposto (aqui cabe citar que adicção pode se referir aos mais variados objetos, como jogos, comida, sexo, TV, internet, trabalho, compras, dentre uma gama de outras possibilidades). O uso e, conseqüentemente, o abuso de drogas acontecem como um meio de alcançar uma satisfação-mor, então o gozo suposto no primeiro uso é incessantemente buscado. Sobre essa cultura, o autor escreve:

A cultura da droga seria uma resposta ao mal-estar na atualidade, pela qual o sujeito, despossuído da possibilidade de acreditar que possa fazer algo, busca pelo hedonismo e pela sensorialidade prazerosa produzir algum gozo diante de tanta dor. Foi isso que constituiu a cultura da droga propriamente dita na contemporaneidade (BIRMAN, 2012, p. 90).

As drogas são mostradas como estratégias de supressão do Mal-estar, agindo no corpo e deixando de lado a necessidade do sujeito de alicerçar sua verdade e sua relação com a realidade. Existe no sujeito o imperativo de gozo, sinalizado pela busca incessante pelo prazer e o afastamento de qualquer forma de sofrimento enquanto consequência. No seu ímpeto por evitar o mal-estar, o sujeito pode cometer atos radicais, inclusive contra o próprio corpo, guiado pela

ilusão de que ele poderia tornar-se completo, tapando a sua falta com o uso dos narcóticos. Quando o uso da droga é articulado à lógica fálica, os laços sociais importantes se conservam, visto que este uso não dita a existência do sujeito, mas sim constitui uma tentativa de suavizar a castração (CARNEIRO, 2004).

Com a intensa e continuada presença do objeto consumido, os processos de simbolização não acontecem, pois o objeto nunca omitido não deixa espaço ao pensamento e ao desejo. A droga é o único objeto que o adicto seleciona para sua satisfação. O crescimento de uso de drogas condiz com a realidade do capitalismo, onde o consumo é estimulado pela difusão de ideais que prometem conceder um gozo fácil em prejuízo do registro simbólico (GIACOBONE; MACEDO, 2013). A adicção pode ser descrita mais detalhadamente abaixo:

O termo “adicção” provém do latim *addictu*, dos tempos da República Romana. *Addictu*, particípio passado do verbo *addico*, *addicere*, significa “escravo por dívidas”, denomina o homem que, para pagar uma dívida, se converte em escravo por não dispor de outros recursos para cumprir o compromisso contraído. (BRECHA; LOPEZ; POSTIGO, 2012, p. 4).

Frente ao uso das drogas pode emergir uma compulsão e assim uma dependência, esta ocorre em diversos âmbitos: biológico, psicológico, social, dentre outros. Desta maneira, o sujeito evolui de obcecado, para viciado, para então converter-se adicto, tornando-se escravo (desejante) de algum objeto. A palavra adicção remete a uma dívida, a uma posição de servidão, que o sujeito tem com uma parte de si mesmo. Logo, a conjuntura que existe entre o sujeito e a dependência não trata somente de um objeto, alheio ao sujeito, mas também assinala um direcionamento a um outro intrínseco, algo interno e algo externo ao indivíduo funcionando em conjunto (CARNEIRO, 2004).

A alienação dos sujeitos adictos se dá pelo uso da droga, o que lhes possibilita criar um mundo individual, onde é possível que eles se isolem e evitem as angústias. Esta é a forma encontrada para se incluir em sociedade, porém, o adoecimento emerge como produto. Com a medicalização ilimitada, ou seja, tratar como médico um problema social, tenciona-se calar o sofrimento, o sintoma que teima em manifestar-se nas subjetividades contemporâneas. A pressão do discurso social capitalista faz com que grande parte dos indivíduos seja excluída, visto que nem todos conseguem seguir o que o mesmo prega. Esses modos de sofrer contradizem a cultura, os sofrimentos destes indivíduos resultam por dois lados: a angústia que já carregam, o mal-estar do seu infortúnio pessoal; e a culpa de sofrer em uma sociedade em que o sofrimento deve ser silenciado, medicado e evitado (TAVARES, 2010).

Uma das principais causas do sofrimento do sujeito se dá pelas suas relações com os outros. O encadeamento do sujeito no laço social se dá por meio dos discursos, os quais exercem certos impedimentos sobre o gozo. Para Freud (1930/2010), o amparo da vida em civilização seria a repressão das pulsões sexuais e violentas, para Lacan (1992) o sujeito mantém-se no laço social por uma falta-de-gozar. Assim, o último presumiu na sua obra que quatro são os impossíveis na civilização: governar, educar, psicanalisar e fazer desejar, dando a estes a conotação de discursos. Pensando assim, criou matemas que buscam explicitar o funcionamento dos chamados “discursos radicais”.

#### *ESTRUTURA DO DISCURSO*

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

#### *DISCURSO DO MESTRE*

$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

#### *DISCURSO UNIVERSITÁRIO*

$$\frac{S2}{S1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

#### *DISCURSO DA HISTÉRICA*

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2}$$

#### *DISCURSO DO ANALISTA*

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

Quatro são as posições de cada discurso, como visto na estrutura acima. O agente reflete a posição de trabalho, é ele que determina do que se trata o discurso. O outro é aquele a quem o discurso se endereça, não há outro sem agente. A produção é o resultado, o que resta. Por último, a verdade é aquilo que firma o discurso, porém há um veto entre a produção e a verdade (/) impossibilitando que esta seja inteiramente dita. Quanto aos termos: S1 é o mestre, um significante sem significação, exprime o sujeito como atravessado; S2 tange ao saber, o inconsciente, aquele que não se sabe; a é o objeto a, mais-de-gozar ou causa do desejo; \$ toca no sujeito cindido, esvaziado (COELHO, 2006).

Entretanto, Souza (2003) em sua obra *Os Discursos na Psicanálise* propõe que existem dois discursos enquanto exceções dos radicais, a saber o Discurso do Capitalista e o Discurso do a-viciado. Segundo o autor, o Discurso do Capitalista já havia sido tratado por Lacan, proveniente do Discurso do Mestre, trocando as posições entre verdade e agente, assim:

#### *DISCURSO DO CAPITALISTA*

$$\frac{\$}{S1} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

Então, o Discurso do Capitalista (DC) surgiria como dominante na sociedade atual, visto a globalização e o fracasso dos sistemas anticapitalistas. Desta forma, o que proporciona o DC é, ao invés do laço entre o sujeito e os outros, a interação com um *gadget*, ou seja, algo que pode ser consumido de forma rápida. Faz com que surja no indivíduo a ilusão de completude sem par, mas sim com um objeto de fácil acesso, o que muitas vezes resulta nas formas de sofrimento tidas como contemporâneas, já vistas anteriormente neste trabalho.

O Discurso do a-viciado é pensado por Souza (2003) como uma proposta para abarcar algumas das condições que abalam o sujeito. Tal discurso não se trata de uma forma de contemplar o uso, esporádico ou não, de alguma droga, nem de abarcar as compulsões que podem funcionar de forma a proteger o desejo. Sua fórmula pode ser vista a seguir:

*DISCURSO DO a- VICIADO*

$$\frac{a}{\$} \rightarrow \frac{S2}{S1}$$

Ainda que um limiar de gozo seja definido, pode ser percebida uma condição de devastação, o desejo é desconsiderado e o objeto pode fazer com que o sujeito goze além do que consegue controlar. De acordo com o Discurso do a-viciado, o objeto (enquanto agente) designa seu usuário, impondo que este torne-se um viciado. Para o autor, tanto o Discurso do a-viciado quanto o do Capitalista são tratados como formas de explicar algumas manifestações patológicas que existem há muito, mas que têm se tornado mais intensas e visíveis. O sujeito a-viciado perde o controle sobre suas limitações, o seu objeto de investimento (ou a-objeto) passa a ocupar o papel dominante. O sujeito deixa de lado suas referências simbólicas e conseqüentemente deixa de se importar com normas sociais, deveres, valores morais e até mesmo leis. Esta característica estrutural aparece como uma ilusão, dando a entender que aquilo que o sujeito sabe sobre o gozo proporcionado por este a-objeto deve lhe causar benefícios e gerar proveitos sobre o seu uso (SOUZA, 2003).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Mal-estar incide no sujeito como consequência da vida em civilização, isto é descrito desde Freud (1930/2010), a meta positiva da busca pela felicidade, ou seja o objetivo de vivenciar contínuos prazeres, faz referência com o gozo e adicção. A atualidade das afirmações no texto clássico freudiano permite que elas sejam fundamentadas em novos estudos até hoje. Falar do Mal-estar enquanto consequência do capitalismo e da globalização é admissível, já que



no texto *O Mal-estar na Civilização* é dito que o afastamento do âmbito rural para a vida nos centros urbanos por si só já produziria angústia nos homens.

Para seguir vivendo inserido na cultura, o sujeito deve eleger uma forma adequada a ele para lidar com essas angústias. Aqui se inserem variadas formas: sublimação, trabalho, arte, fazendo sintoma ou até mesmo em compulsões. Dentre as compulsões, podem ser citadas as adicções, e ainda mais especificamente, as drogadições, sendo que estas aparecem como um meio de romper a conexão entre o discurso social e o sujeito. Os sujeitos adictos alcançam o ápice da lógica do capitalismo, ou seja, a lógica do consumo, declarando a verdade precária da economia psíquica dos mesmos. Visto que eles não possuem um objeto particular no qual investir sua libido, adotam um mecanismo que pode tanto reparar o seu sofrimento, quanto causar sua morte (GIACOBONE; MACEDO, 2013).

O uso e abuso de drogas é um tema atual e divisor de opiniões. O que pode ser dito sobre isto na contemporaneidade, segundo Lipovetsky (2007), é que não se pode reduzir a drogadição apenas à busca de prazer hedonista, mas sim como uma forma de se automedicar para que, na narcose, possa haver uma fuga das angústias de ser sujeito, comunicar e se inserir na cultura, “Incapaz de suportar a si próprio, Narciso droga-se em busca de auto esquecimento, de laços, de bem-estar grupal.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 251).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. **O Sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 159 p., 2012.

BRECHA, M. G. S.; LOPEZ, N. P.; POSTIGO, V. M. C. Voracidade e sofrimento psíquico na adicção: considerações sobre compulsão, hedonismo e imediatismo no contemporâneo. **In: Psicopatologia Fundamental, 2012, Florianópolis, v. 69, p. 4-7, 2012.**

CARNEIRO, H. F. Sujeito, sofrimento psíquico e contemporaneidade: uma posição. **Revista Mal-Estar e Subjetividade (Impresso)**, Fortaleza – CE, v. 4(2), p. 277-295, 2004.

COELHO, C. M. S. Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. **Mental**, Barbacena , v. 4, n. 6, p. 107-121, 2006.

ELIA, L. **O Conceito de Sujeito**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização (1930). In: **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. Obras Completas, v. 18, p. 13-122. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUENTES, M. J.; ANTELO, M. Semiologia da sexualidade. In: Antônio Teixeira; Heloisa Caldas. (Org.). **Psicopatologia Lacaniana I : semiologia**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, v. 1, p. 269-293, 2017.

GARCIA, C. A; COUTINHO, C. A. Os novos rumos do individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psyche** (São Paulo), São Marcos – SP, v. 13, p. 125-140, 2004.

GIACOBONE, R. V.; MACEDO, M. K. Cultura e desejo: a construção da identidade adicta no contexto contemporâneo. **Revista Ágora**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 57-70, 2013.

LACAN, J. **O Seminário, livro 16: De um Outro ao outro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LIPOVETSKY, G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MENDES, E. D.; PARAVIDINI, J. L. L. Os significantes da escuta psicanalítica na clínica contemporânea. *Qualis A Nacional. Psyche* (São Paulo), São Marcos – SP, v. 20, p. 99-116, 2007.

PISETTA, M. A. A. A falta da falta e o objeto da angústia. **Estudos de Psicologia** (PUCCAMP, Impresso), v. 26, p. 101-107, 2009.

SOUZA, A. **Os Discursos na Psicanálise.** Rio de Janeiro: Companhia de Feud, 2003.

TAVARES, L. A. T. **A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo** [online]. 371 p. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.